

## **Quando os documentos voltam a respirar**

*Gabriel George Martins*

O sentimento não é tanto o de entrar numa biblioteca quanto o de sentir-se num pulmão: com duas cavidades, penetráveis e infinitamente sondáveis, onde a respiração às vezes produz sons assustadores em face do silêncio monumental de estar (quase) só – acompanhado de um funcionário, lá para garantir a integridade dos objetos e, quem sabe, a nossa própria. Pintadas em cores, as salas conectadas fazem, no entanto, supor que primeiro estamos num coração, bombardeados que somos pelo vermelho acompanhando um texto na parede, falando-nos de paixões e sentimentos.

O registro nos informa que a viúva Lygia Serpa guardou boa parte do material exibido com uma dedicação contumaz, aferrada que era à memória do falecido pintor. Essa obstinação produziu um acervo tão amplo e diverso que seria necessário tempo e pernas impraticáveis para lê-lo na íntegra, absorvendo as delicadezas de uma mostra que, em média, vence por ser muito mais pessoal e familiar do que o método geral dos museus faria supor, transitando pelo íntimo dos artistas com a celeridade de quem folheia a história cinco páginas de cada vez.

Esta *Documental, 1923-2023* vem para celebrar 100 anos de uma vida que perdeu a presença há 50 – embora, não sem misticismo, possamos dizer que Ivan Serpa se faz bastante posicionado em cada canto ao qual se direciona o olhar, seja pelas fotos, em grupo ou solitário (numa delas, um retrato charmoso acompanhado de uma frase que o faz parecer James Dean: “Não me preocupo em agradar. Cada criação é o que é”), seja pela sua escrita singular, que caligrafa em novos códigos os livros e os cartões-postais.<sup>1</sup>

Seja ainda pelas telas, pois as há – incluindo *Formas* (1951), obra central na carreira do artista e que, estranhamente, acaba ocupando também um lugar de destaque na mostra; como se puxasse para si todas as energias emanando dos demais polos do

---

<sup>1</sup> São o *Antilivro* e a série *Antiletra*, que modificavam os escritos e que, segundo o galerista Gustavo Rebello, nem foram criados com intento expositivo – algo que acentua seu caráter privado, do âmbito de ficheiros.

GOBBI, N. Casa onde Ivan Serpa manteve ateliê, no Méier, guarda objetos pessoais e obras inacabadas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 ago. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3S8kOXF>. Acesso em: 20 out. 2023.

espaço, chamando atenção pela grandiosidade e, ao mesmo tempo, pelo seu equilíbrio, capaz de harmonizar tudo pelas cores e, bem... pelas formas. Há algo de leve e airoso na pintura, desangulada senão pela moldura (e por um par de vértices em seu interior), que a traz para o chão, a ancora numa delimitação delicada de *espaços*, num cuidado de não outorgar poder demais à curva. Não fossem essas retas cruzadas, o campo flutuaria, e nós junto com ele, esquecidos de que esse quadro tão frágil, tão necessitado de carinho, é um monstro da história da arte brasileira e, em especial, do concretismo.

Outrossim, esse toque de nuvem, esquemática depurada e, no entanto, solta – semelha a um oásis em meio ao que bem parece como um turbilhão, um sem-fim de ventos instados pelo temperamento de Serpa<sup>2</sup> e pela troca constante de programas: segundo a ordem sugerida nas legendas numeradas,<sup>3</sup> o *display* seguinte é um apanhado da chamada Fase Negra, oriunda de quando Serpa foi à Europa e voltou expressionista. E seguindo-se a mais essa faceta, sua experimentação com a arte erótica, remixando a fotogenia deslumbrante das mulheres nuas em curvas traçadas por expediente quase imperscrutável, pachorrento de fazer inveja, mas sem dúvida tedioso. O bico de pena que riscava e pontilhava os trabalhos da *Op-erótica*, porém, devia se cansar mais do que o autor, creio – indesviável no seu intento de fazer como os cupins e criar caminhos porosos e caóticos.

De sorte que esse ímpeto de se fazer enxergar feito um inseto destruidor poderia ser kafkiano, se houvesse aí alguma fatalidade burocrática impossível de evitar. Não; Serpa usa a entropia muito mais a seu favor, admitindo para si a erosão dos objetos como informação construtiva. Daí nasce a *Op-erótica*, como nascem outras obras da apresentação, peças que põem em tela os mapeamentos abstratos, esguios de uma produção dedicada, enfim, a pensar a documentação como algo fadado a um declínio passível de ressignificados.

Eis então que o devotamento da esposa em preservar tanto material adquire novo sentido quando o Instituto de Arte Contemporânea (IAC) decide por intervir sobre ele, organizando-o e o pondo em cruzamento com os demais (des)caminhos desse arranjo de

---

<sup>2</sup> Evidenciado no perfeccionismo reportado por diversas fontes (cf. também a referência da nota 1), na meticulosidade e paciência de um diário de viagem realmente *diário*, nas explosões com a própria esposa (exemplificadas numa das cartas do acervo) etc.

<sup>3</sup> Onde, aliás, a exposição encontra seu (no mais, debatível) limite ecológico, utilizando um bocado de papel... ainda que oferecendo a chance ao espectador de guardar consigo essas informações para lembrança e consulta, formando seu próprio documental.

uma vida. Os textos conhecidos, e mais ainda os desconhecidos, passam a ser encarados com uma nova atitude, e até a tristeza sem parâmetros de um impresso hospitalar, dos dias finais de Ivan Serpa, pode ganhar função genitora, educativa, produtiva – certamente algo do interesse desse homem que, antes (e depois) de artista, foi um dedicado professor.<sup>4</sup> *Documental* é, idem, o reconto de como os arquivos podem renascer para viver uma existência em todo diferente, aparentadas à anterior, mas prontas a gozar de ar fresco, a plenos pulmões.



*Gabriel George Martins é Bacharel em Letras  
pela Universidade de São Paulo (USP).*

*Instagram: @notvanjack*

---

<sup>4</sup> Tanto de francês, língua adquirida de sua tia-mãe estrangeira, quanto de processos artísticos, responsável por formar novos nomes nas artes plásticas. Duas etapas, uma em cada beirada, ameadas por um esforço incansável em prol do futuro.